

# Eleições no Peru

Theotonio dos Santos\*

\* Professor titular da UFF, Diretor do REGGEN  
([www.reggen.org.br](http://www.reggen.org.br))

**A** pesar de sua forte identidade cultural e histórica, se pode sentir a influência dos ventos regionais no processo eleitoral peruano em curso. Não há dúvida de que o fenômeno Evo Morales tem forte repercussão no processo atual. Não se pode desprezar também a influência do fenômeno Hugo Chávez. Nem deveríamos ignorar o que representa o mito do operário presidente e de um partido operário no poder que ainda se identifica com a presidência de Lula e particularmente com sua política externa. Todos esses fenômenos passam pela cabeça do eleitor peruano neste momento. Há um reconhecimento da particularidade da conjuntura vivida pela região, suas possibilidades e suas dificuldades. O crescimento de uma liderança militar com fortes traços étnicos na saga dos Humala é um fator nitidamente dramático. O novo e o inesperado dão uma conotação ideológica complicada à candidatura presidencial de Ollanta Humala, que aparece ao mesmo tempo como o líder militar dos levantes dirigidos por seu irmão Antauro, que se encontra na prisão. Isto apesar de terem terminado separados em dois partidos distintos, tendo o outro partido como cabeça presidencial o terceiro irmão: Ulyses. Para dramatizar mais o ambiente, está a figura do pai, retirado da campanha de Ollanta e apoiando Antauro e Ulyses. Apesar desta divisão não muito claramente entendida pela população e até por setores politizados e bem informados, a candidatura de Ollanta Humala se fortaleceu

como a segunda, quase assegurando sua participação no segundo turno que se faz inevitável frente à estabilidade eleitoral da candidata das classes dominantes, Lourdes Flores.

Ao mesmo tempo, a candidatura de Alan García – ex-presidente, líder do APRA, cuja influência ideológica cresceu nos últimos anos, devido ao enfraquecimento da esquerda comunista e marxista, com a qual disputou a liderança política e ideológica – não consegue motivar as massas. Isto apesar de esta influência ideológica ter crescido também devido à exacerbação do sentimento nacionalista e de crítica às elites oligárquicas tradicionais, num país cujas forças populares se caracterizam por uma forte presença cultural indígena e de amplos setores de uma economia informal bastante eficaz. O problema dos setores conservadores, encerrados fortemente em torno da candidatura democrata-cristã de Lourdes Flores, é que suas promessas eleitorais não apresentam uma perspectiva favorável à maioria da população. O governo atual conseguiu uma expansão importante das exportações, não só mineiras, mas também agroindustriais e manufatureiras (o setor têxtil em particular). No ano passado, por exemplo, o crescimento econômico atingiu cerca de 5%. Isto não impede que o governo atual não consiga um apoio superior a 17%, que foi seu ponto mais alto. Embora se afirme que houve uma baixa do desemprego, os economistas conservadores prometem que a manutenção de uma política de crescimento voltada para o exterior permitirá uma drástica diminuição do desemprego para menos de... 10%. É evidente que, frente a previsões tão modestas, a população busque outras alternativas.

Neste clima, o governo Toledo tenta assinar um tratado de “livre comércio” com os Estados Unidos ao término da presente gestão parlamentar que conta, como seu governo, com uma rejeição popular tão grande que ele não conseguiu garantir para seu partido nem os 5% de votos mínimos necessários para sobreviver. A candidata da direita não rejeita esta operação traiçoeira e assume, assim, o modelo econômico de Toledo.

Pode-se ver assim como o Peru necessitará de uma grande maturidade política e ideológica no segundo turno. Os dados indicam que se formará uma maioria parlamentar de centro-esquerda: o

## Notas&Comentários

*Theotonio dos Santos*

APRA, o Partido de Ollanta Humala, o centro do presidente da transição pós-Fujimori, que dirige Valentín Paniagua e possivelmente o próprio Antauro, os comunistas juntos na Frente de Esquerda, talvez os socialistas. Os fujimoristas devem se situar próximos a 5%. Esta maioria parlamentar poderia assegurar também uma maioria no segundo turno, mas as desconfianças mútuas e as ambições talvez impeçam que esta frente assuma o poder no país com um programa de desenvolvimento e distribuição da renda, como a população gostaria. Mas pode ocorrer também que, sob forte pressão popular, estas forças desenvolvam um acordo que viabilize uma gestão progressista do país por alguns anos.

Por tudo isso, o processo peruano se faz muito interessante, pois terá um impacto muito forte nas pretensões de criação de uma Comunidade Sul-americana. Lourdes Flores tem o apoio da administração Bush, que tanto se indispõe com a região latino-americana. Ela joga, no Peru, a credibilidade de sua política de “bilateralismo regional” que tem nos TLCs bilaterais seu principal instrumento. Neste momento, o Brasil, a Argentina, a Venezuela, a Colômbia e o Chile dispõem de liquidez suficiente para prescindir do apoio do FMI e de um projeto pan-americano sem dinheiro e sem concessões mútuas como a ALCA, para desenvolver uma importante infraestrutura regional que assegurará um aumento significativo do comércio intra-regional e um fortalecimento de suas moedas locais. O crescimento dos interesses chineses na região – que se apóiam na maior liquidez do planeta – contrasta com as dificuldades do dólar norte-americano para manter-se como moeda internacional. Os Estados Unidos se afogam numa imensa dívida fiscal, comercial e de serviços e não podem garantir investimentos significativos nem muito menos apoio financeiro para uma região com superávits fiscal e comercial crescentes.

É hora de pôr os pés no chão e abandonar um colonialismo decadente, similar ao Ibérico no começo do século XIX. Não é por acaso que neste ambiente renasça a figura política e ideológica de Bolívar. Não é de estranhar também que surjam novas configurações políticas e ideológicas num ambiente tão movediço. ■